FILTRO (DES)ORIENTAÇÃO COMO DISPOSITIVO DE RESISTÊNCIA

FERNANDO ROCHA[1]; EDUARDA GONÇALVES[3]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – fernando.mestrado.rocha@gmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado à pesquisa de mestrado "(DES)ORIENTAÇÃO: deslocamentos e proposições artísticas no Sul do Sul" do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, e está vinculada ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (UFPel/CNPQ). Aqui, apresento a proposição artística (Des)Orientação, que consiste em um filtro desenvolvido para a rede social *Instagram* que funciona por meio de setas sobrepostas à imagem da câmera do celular do usuário. As setas indicam quatro diferentes direções: frente, retorno, direita e esquerda, e são acionadas a cada clique na tela do celular, ou seja, ao tocar na tela, a rolagem de setas para em uma das direções e, assim, direciona o participante a seguir um novo caminho. A cada parada, uma nova seta deve ser acionada e, assim, um trajeto (Des)Orientado é sugerido. Durante o deslocamento, o usuário pode registrar algo do entorno que seja de seu interesse, já que o filtro utiliza a câmera do celular enquanto desorienta o participante, possibilitando o compartilhamento de registros do caminho gerado através do filtro. Sendo assim, a proposição artística (Des)Orientação possui como objetivo principal deslocar o participante por diferentes caminhos, fazendo com que o usuário deste dispositivo desvie dos trajetos pré-estabelecidos em seu cotidiano.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o filtro (Des)Orientação a partir dos conceitos de dispositivo abordados por Foucault (2004) e Agamben (2009). A união desses conceitos culminou na reflexão sobre a rede social *Instagram* como um dispositivo de controle, enquanto o filtro (Des)Orientação se constitui como uma espécie de resistência ao controle exercido por esta plataforma a partir dos filtros, da alienação e da padronização da imagem, elementos gerados pelo uso das redes sociais em geral. Como metodologia, utilizo a pesquisa em artes visuais por meio de considerações de Sandra Rey (1996 e 2002).

Sendo assim, a proposta da (Des)Orientação apresenta o deslocamento como mote para a criação poética e visa expor a experiência e o processo de produção, e não apenas a materialidade de um objeto artístico, a fim de evidenciar o processo de criação como algo que está em constante movimento, em diálogo com o estudo da teoria e das vivências que atravessam o fazer artístico. A ideia de um dispositivo desorientador que objetiva resistir ao controle social também contribui para a reflexão sobre o modo como habitamos e percebemos o território onde vivemos. A (Des)Orientação convida a refletir se nosso olhar em relação ao mundo é mecânico e engessado, ou se estamos dispostos a perder a direção e perceber, com atenção, o território que habitamos.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, utilizo preceitos da metodologia da pesquisa em artes visuais, tendo como referência as considerações de Sandra Rey (1996 e 2002) sobre esta linha de investigação, nos artigos “Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais” e “Por uma abordagem metodológica da pesquisa em Artes Visuais”. Assim, a metodologia da pesquisa em artes visuais conforme Rey (1996) me auxilia a encontrar meios de desenvolver o trabalho poético através do processo de criação. Conforme a autora (1996), a obra é um processo de formação, é um elemento vivo em elaboração, em deslocamento por significados já estabelecidos, perturbando os conhecimentos de mundo que já nos são familiares.

Sendo assim, ao adotar a metodologia da pesquisa em artes visuais meu objetivo é trazer à tona o processo de criação da minha produção, ressaltando formas de apresentação e partilha de experiências que levem em conta as transformações decorrentes do processo, como ideias iniciais, atravessamentos, possibilidades e impossibilidades que surgiram, bem como a minha experiência pessoal vivenciando essas transformações impostas pela obra. Além disso, considero importante destacar que a escolha por essa metodologia também se deu por tratar-se, especificamente, de uma metodologia pensada para o campo da arte, para que o artista pesquisador tenha subsídios dentro de sua área de atuação para desenvolver sua pesquisa a partir dos desdobramentos que surgem de sua criação poética.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A palavra dispositivo, conforme Agamben (2009), está presente nos pensamentos de Michel Foucault, filósofo que, a partir dos anos setenta, utiliza muito este termo. O autor (2009) sintetiza que um dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta em uma relação de poder, sendo, assim, uma rede que pode se estabelecer entre discursos, instituições, leis, medidas de polícia, etc. Considero importante abordar aqui a ideia de dispositivo, pois em minha produção artística busco contrariar normas já estabelecidas de comportamento quanto ao uso dos espaços. Tanto a existência do filtro (Des)Orientação quanto o uso dele na cidade são formas que encontrei de me apropriar do dispositivo do *Instagram* e utilizá-lo como ferramenta contra a própria ideia de dispositivo, desorientando as regras e produzindo novos sentidos para estes meios de controle. No caso da (Des)Orientação, um dos dispositivos envolvidos na proposta são os modos de ser, estar e deslocar através dos quais as cidades organizam a nossa interação com o meio urbano. Nesse sentido, a proposta das setas desviarem os caminhos pré-estabelecidos subverte os dispositivos que controlam onde, como, quando e o quanto percorremos a cidade.

O filtro da (Des)Orientação, por sua vez, se situa como forma de resistência da lógica da sociedade de controle, em que a manipulação das informações nas redes sociais, especificamente o *Instagram*, acontece de uma maneira que sequer percebemos. O algoritmo controla os conteúdos que vemos, o que curtimos, o que postamos, o que compramos, até mesmo os nossos desejos, sonhos e subjetividades. Dessa forma, penso que a (Des)Orientação lida com o dispositivo *Instagram* de forma a subverter o seu uso original, propondo uma participação mais ativa do usuário que o retira do uso sedentário do celular, uma vez que coloca o corpo em uma outra situação que exige participação.

Uma grande tendência que surgiu com as redes sociais somada à tecnologia da realidade aumentada foram os filtros, ferramentas que permitem ao usuário interferir na imagem captada através da câmera de seu celular. Seja através da projeção de fundos para as fotos, coloração das fotos e vídeos, jogos, mas principalmente através de modificações faciais, os filtros criam uma padronização das imagens compartilhadas pelo público dessas redes. Com a utilização dos filtros, a questão da padronização das imagens se intensifica. Atualmente, no Instagram, não vemos peles com rugas, corpos flácidos, sorrisos tortos, cílios curtos, narizes grandes, dias nublados, entre outras "correções" que a tecnologia possibilita. Há uma clara busca pela “beleza ideal” e, com a ampla exposição do nosso cotidiano nas redes sociais, a expectativa de ter uma aparência sempre perfeita se torna predominante em nossas postagens. Esse é apenas um dos muitos aspectos que evidenciam o controle exercido pelo Instagram.

Assim, senti a necessidade de explorar opções que se afastem dessa proposta estética e que sejam, de fato, obras de arte, que, neste caso, vou chamar de filtro-obra. Pesquisei por filtros usando termos como arte, obra de arte, intervenção e proposição, mas, infelizmente, não encontrei filtros que se configurassem como filtro-obra, apenas alguns que possibilitam a visualização de criações artísticas por meio da realidade aumentada, como pinturas, ilustrações e esculturas tridimensionais. Ao relacionar esta discussão com a (Des)Orientação, percebo que é desafiador encontrar filtros que sejam, de fato, a obra em si. É provável que existam outras criações semelhantes ao filtro (Des)Orientação, que utilizam essa abordagem para propor o jogo da arte. Assim, considero que o filtro (Des)Orientador e outros potenciais filtros-obra são iniciativas significativas, pois representam uma forma de resistência às regras não ditas do Instagram, desviando da função original de um filtro e estabelecendo uma nova maneira de expressão artística.

Figura 1: Mosaico (Des)Orientação

Fonte: Montagem de Fernando Rocha, 2024. Disponível em: Acervo pessoal do autor.

O espaço da rede social, por vezes, faz com que nosso corpo fique anestesiado a partir do excesso de conteúdo, pois a plataforma foi projetada para

otimizar o engajamento, utilizando mecanismos como notificações, um feed repleto de postagens das contas que seguimos, os Reels, que oferecem vídeos curtos que podem ser assistidos em sequência sem limites, e os Stories, que são postagens temporárias feitas pelos usuários. Dessa forma, o conteúdo é incessante, podemos navegar de um espaço para outro e sempre encontraremos novas postagens para visualizar, ler e ouvir. Isso pode levar os usuários a desenvolver um comportamento dependente, onde o controle de suas atividades diárias e interações sociais é mediado pela plataforma. Portanto, considero que o filtro (Des)Orientação reconecta o usuário da rede social ao mundo real, incentivando-o a explorar as ruas e, de certa forma, fugir da alienação que as redes sociais impõem. Essa resistência no ambiente digital se reflete também no espaço físico pois, por meio do filtro, vivenciamos a cidade de uma maneira diferente, desafiando as normas do planejamento urbano e estabelecendo, nesse ato de resistência, novas relações com o nosso entorno.

4. CONCLUSÕES

Portanto, a análise do Instagram como dispositivo de controle e a utilização do filtro como um meio artístico forneceram uma visão crítica sobre as novas mídias de comunicação e seu impacto na arte contemporânea. Ao examinar o filtro digital como uma ferramenta para a criação artística, observou-se como ele pode oferecer diferentes possibilidades para a criação e a disseminação artística. Esta observação demonstrou como os filtros, assim como outras formas de intervenção digital, podem expandir as possibilidades expressivas e interativas da arte, estabelecendo novos diálogos entre o artista e o público.

Em síntese, a pesquisa revela a capacidade da arte de transcender os limites tradicionais e se engajar com o ambiente urbano e as plataformas digitais de maneiras provocativas, que nos levam a questionar os modos de ser, estar e se deslocar no território. O trabalho demonstrou que a arte pode funcionar como um meio de explorar e desafiar as convenções, oferecendo uma nova perspectiva sobre a relação entre o território que habitamos, a tecnologia e a experiência individual e coletiva. A experiência da (Des)orientação e a reflexão sobre o papel dos novos meios de interação social reafirmam a importância de continuar explorando e questionando as fronteiras da arte e sua relação com o contexto social e tecnológico contemporâneo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Ed. Argos, 2009.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em Artes Visuais.** In: O meio como ponto zero. Porto Alegre : Ed. da UFRGS, 2002. p. 123-140

REY, Sandra. **Da prática à teoria:** três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. Porto Alegre: Revista de Artes Visuais Porto Arte, 1996.

FOUCAULT, Michael. **A ética do cuidado de si como prática de liberdade.** Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7335175/mod_resource/content/4/Ditos%20e%20escritos-%20vol.%20V%20-%C3%89tica%2C%20Sexualidade%2C%20Politica%20%28Michel%20Foucault%29%20.pdf. Acesso em Julho de 2024.